

VIDA
MUNDIAL



ANO V-N.º 227
20 DE SETEMBRO 1945
PREÇO AVULSO 1\$80

ILUSTRADA



UMA IMAGEM DA "FESTA DAS VINDIMAS", NA CURIA. UMA IMAGEM — E DOIS SORRISOS...

(Fotos Amadeu Ferrari)

(Ver páginas centrais)

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE
(VER O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO NA PÁG.)

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

DIRECTOR

JOSE CANDIDO GODINHO

EDITOR

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA

PRIMEIRA COLUNA

A PAZ E OS AUTOMÓVEIS

Por ANÍBAL NAZARÉ

PODE afirmar-se, sem receio de que nos acusem de exagerados, que, dos sete milhões de habitantes de Portugal, pelo menos dois milhões aguardava, ansiosamente, o fim da guerra — para comprar um automóvel... Acreditam todos, por cálculo e intuição, que os nossos amigos americanos vão inundar a Europa de automóveis baratos, e todos se preparam para resolver, por pouco dinheiro, o seu problema de transportes...

Evidentemente que os ricos já estão, de há muito, servidos, e se alguns esperam os novos modelos é, apenas, por luxo e comodidade. Mas a classe média, os chamados «remediados», fazem contentam-se com um carro — para remediar... E todos estão convencidos de que a América lhes vai oferecer, numa bandeja, automóveis a prestações, como as telefonias, e por preços incríveis, por insignificantes... Sem querermos, de forma alguma, contribuir para a derrocada de muitas lhasões, parece-nos que as coisas não se irão passar talqualmente fugam os inúmeros candidatos a automobilistas que por aí se preparam. E isto porque, segundo parece, a América levará dois anos a fabricar automóveis para seu próprio consumo, tal a quantidade de encomendas que por lá existem, e só depois poderá começar a produzir para exportar.

Mas é péna. É péna porque, no dia em que quasi todos os lisboetas tiverem automóvel, será um aborrecimento para os finalistas, mas deve ser um encanto para os que só andam de eléctricos, e que passarão, com certeza, a viajar muito mais à vontade...

ONDA



NA pintura, na literatura, na fotografia, no filme, o mar é sempre uma legenda de beleza. Adornado sob os reflexos do sol, irrequieto e abraçado por poeira ardente do sol, o mar é um grito de vida que sabe bem ouvir.

Desde o Amor à Poesia, todos os melhores predilectos alma do homem se exacerbam e ganham mais luz. Já ao mar, à beleza eterna do mar, quando as ondas saltam os corpos de sal, as almas tornam-se mais fortes, mais pidas, mais luminosas. E por isso os homens que vivem ao mar e para o mar, são sempre homens valentes e bons. O mar, acreditam, é uma legenda de beleza que se escreveu no Universo inteiro...

PANORAMA

PORTUGAL



Alves Redol, temperamento forte de romançada, que, desde a infância, vê aumentar o número dos seus leitores fiéis, viu agora reinar dos num elegante volume da «Inquérito», três dos seus romances: «Galéus», «Maré» e «Aveiros», dos quais a «Crítica» se ocupou com invulgar apêgo.

Escritor duma profunda humanidade, Alves Redol marca, com o seu novo livro, um novo passo no caminho do triunfo.

AMÉRICA

Os jornais americanos de Cinema dizem: — Até que enfim Chaplin tem um bigode que é dele mesmo e não de Charlie!

De facto, assim é. Detonou crescer para interpretar o seu novo filme, «Barba Anula», e a primeira vez que apareceu de bigode irado foi no tribunal, quando do seu último e ruído processo por questões sentimentais...



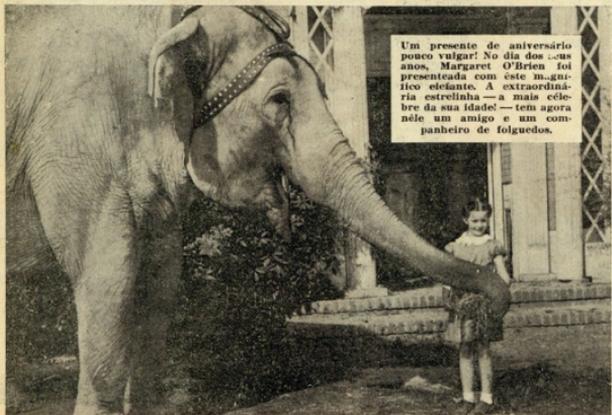
ALEMANHA



Agora, os soldados aliados empregados na ocupação da Alemanha, já podem confraternizar... É esta decisão do alto comando que trouxe, indistinctamente, muita alegria aos soldados e à parte feminina das populações civis...

AMÉRICA

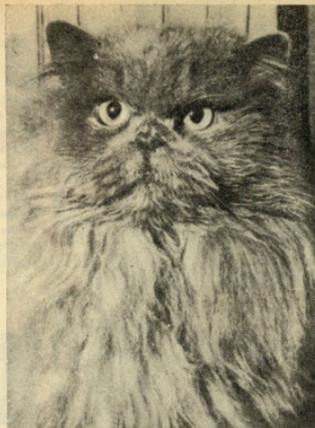
— Henry Ford, o grande industrial de automóveis de quem o Mundo espera, para breve, novos e sensacionais modelos a preços incríveis, apareceu nesta «foto», de foíce em punho, tratando do seu quintal!



Um presente de aniversário pouco vulgar! No dia dos -cas anos, Margaret O'Brien foi presentada com este magnífico elefante. A extraordinária estrelinha — a mais célebre da sua idade! — tem agora néle um amigo e um companheiro de folguedos.



Info, estão todos a comer e não me dão nada a mim?!



Não sei se já repararam na minha cara...!



A padeira já chegou?

HÃ "BICHANOS" QUE SÓ LHE S FALTA FALAR!

REPAREM nas expressões destes simpáticos gatos! Algumas dizem tudo quanto eles diriam — se pu dessem falar!

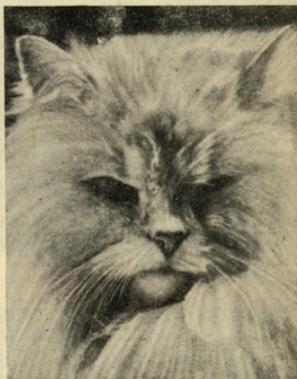
A curiosidade, a ternura pela dona, o mimo a que estão acostumados — tudo se lhes reflete no olhar...

Evidentemente que se trata de starcoos de luxo, habitados a boa vida sobre o sofá da sala, ou no regaço acolher das suas donas... Mas os outros, os humildes gatos da rua também têm curiosas expressões, reveladoras de indistincte inteligência! Às vezes, na luta pela posse dum espinha ou na briga que algum carapau caído de uma ocasião, também só lhes falta falar...

Ma se falassem, usariam, com certeza, uma linguagem muito mais popular do que os elegantes gatos de raça que aqui apresentamos...



Parece-me que o minha dona não está hoje muito bem disposta!...



Começa a chegar-me o sono



Desconto que anda ali um rato?!



Parece-me que ouvi afiar facas na cozinha!



É a mim que estão a chamar?



ESTA é a mais recente fotografia de Ginger Rogers. A mais recente — e a mais bonita. A extraordinária vedeta americana surge aqui, tal como se apresenta no seu último filme «*Fin de Semana do Waldorf*», nova versão cinematográfica do famoso romance de Vicki Baum, «*Grande Hotel*». Ginger é a telefonista, papel desempenhado na primitiva versão por Joan Crawford. Com uma telefonista assim, habituados a «*eligers*», calculem o que seriam os «*afins de semana*» de Waldorf...

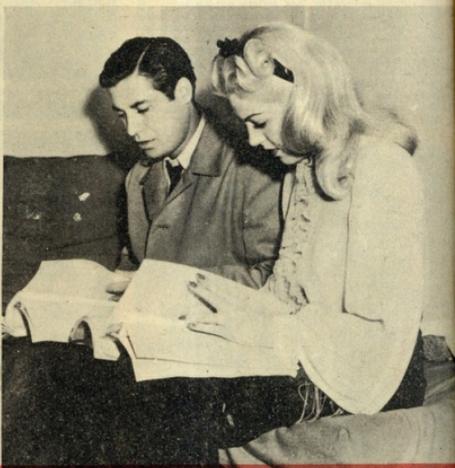
As leitoras gostarão ainda de reparar no admirável caso de Ginger Rogers, desenhado expressamente para ela pelo grande figurinista Adrian.

NOTA DA SEMANA

A crónica que publicámos recentemente sob o título «*Um novo Critério*», provocou aplausos de toda a parte e trouxe até nós, novos elementos em reforço dos comentários já aborðados, em reforço da determinação que nos condenar Portugal a ter apenas cinemas velhos e insuportáveis por essa província fora.

Duma vila do Alientejo mandam-nos estas palavras significativas: «*a sala que aqui dá espectáculos cinematográficos distrafaz as ambições do espectador mais conformista. Cadeiras, paredes, máquinas e filmes estão a cair de velhos. O dono, uma das mais ricas herdades da região quis construir um edifício digno da sua terra e daquele mínimo de conforto que é de exigir. Foi-lhe negada a autorização, com o fundamento de já haver, na referida localidade, uma casa explorando espectáculos cinematográficos. Resumindo: no ano 2.000 teremos a funcionar — sabe Deus como! — a sala que nunca sofreu o espectador, fôsse de que época fôsse. Estará isto certo?»*

Evidentemente que não. Esperemos que o problema das novas salas acabe por ser regulamentado convenientemente, e que se acabe com os abusos destes exclusivos, que não têm contrapartida, num mínimo sequer, em defesa do espectador. Está bem, até como estímulo e incentivo, que se defenda a concorrência desordenada o homem que, num meio pouco abalançado a construir uma casa de espectáculos. Não é certo, porém, que esse exclusivo seja perpétuo e, muito menos, que à sombra dele se cometam toda a casta de abusos, em prejuízo dos espectadores e do próprio espectáculo cinematográfico.



Um por eterno: Greer Garson e Walter Pidgeon, nas suas encarnações de «*A Senhora Parkington*», versão cinematográfica do romance de Louis Bromfield. Este, dizem de Hollywood, é o último filme onde os intérpretes de «*A Família Miniver*» e «*Madame Curie*» aparecerão reunidos. Razões: serem nomes suficientemente valiosos, que valem por si só, sem se apoiarem um no outro...

E assim que eles estudam! Os papéis foram distribuídos, e num recanto do camerim de Lana Turner, a insinuante vedeta, e John Hodiak, o galã, ensinam a cena que vão representar no dia seguinte. Este esforço faz parte do trabalho ignorado de cada intérprete, indispensável para o resultado da conjunção.

UM ENORME O ÊXITO DO NOSSO CONCURSO

RAPARIGAS ENGRAÇADAS, PRECISAM-SE



Como dissemos, terminou no passado dia 13, o prazo para recepção de fotos para o nosso grande Concurso «Seis Raparigas Engraçadas, precisam-se!», destinado à escolha de seis novas artistas para o filme «Matinée às 4». O êxito não podia ter sido maior. Muitas centenas de fotos vão ser seleccionadas e, dentro de dias, um júri, de que faz parte o realizador Piero Benardot, director da parte técnica do filme, Santos Mendes, realizador, e Aníbal Nazare, base do argumento de «Matinée às 4», e como delegado do «Vida Mundial Ilustrada», vai escolher as raparigas portuguesas que vão animar, com a sua mocidade e beleza, a nova produção de Estúdios-Flimex.

Como já salientámos, é muito possível que, atendendo ao grande número de concorrentes e às possibilidades que em princípio estava previsto.

Num próximo número de «Vida Mundial Ilustrada» indicaremos quem se activam, o número de escolhidas seja superior ao que inicialmente estava previsto.

Num próximo número de «Vida Mundial Ilustrada» indicaremos quem se activam, o número de escolhidas seja superior ao que inicialmente estava previsto.

Atenção, pois, ao próximo número de «Vida Mundial Ilustrada».

Mais algumas concorrentes: Maria de Lourdes de Sousa, Luíza Meinhos e Silva, Maria Amélia Yarela Patricio, Maria Helena Marques Vicente, Alda Amélia Coelho da Graça Pereira, Maria Fernanda Pinheiro Santos, Rosa Silveira, Ilda Jorge, Maria Conceição Morena, Maria Helena Simões Alves de Moura, Mimosas Perpétua Maria Coelho, Ondina Bárbara de Castro Frode, Ana Maria, Linda Luíza Vidal Romão, Maria Leonor Pereira, Maria Luíza Rodrigues de Silva, Diana Maria, Lindy Amaral, Maria Luíza Lemos Pais de Brito e Tiza de Vasconcelos.

Judy Garland, momentos antes de entrar em cena, ouve as indicações do realizador Vincent Minelli. A expressão de Judy parece traduzir o esforço de concentração, indispensável para o seu labor de intérprete. O realizador — dos mais jovens que trabalham em Hollywood — parece, por seu turno, insinuar-lhe o que pretende dela, sem o forçar a ouvir com desmojada atenção os seus conselhos.



MAIS PÚBLICO

O público dos cinemas aumentou. Não sabemos até que ponto os números da estatística confirmam a asserção. Mas não temos dúvida de que assim aconteceu, porque os factos falam por si — e não são de molde a induzir em erro. Há meia dúzia de anos, raros filmes atingiam a segunda semana de exibição, e contavam-se pelos dedos os que ultrapassavam essa marca. Hoje, a segunda semana tornou-se numa banalidade, e são muitos os filmes que se mantêm três, quatro ou mais semanas no cartaz. O longo período de encerramento estival reduziu-se ao mínimo. E, este Verão, raras foram as salas que encerraram as suas portas, e as que o fizeram obedeceram à necessidade imperiosa de melhorar e conservar as instalações. Esta afluência de público durante o estio, desafiando a concorrência dos divertimentos ao ar livre, é um sintoma conculador para o espectáculo cinematográfico, tanto mais quanto é certo que os estrangeiros trazidos pela guerra a Portugal são hoje em número diminuto, e não podem justificar o incremento verificado, como se alegou nos anos do êxodo.

O público dos cinemas aumentou. E não se trata de um fenómeno local. Em toda a parte se verifica. Na própria América, a despeito dos milhões de homens que dali saíram para as diversas «frentes», os cinemas registaram maior afluência. Os números dos filmes estreados nos Estados Unidos, nos últimos anos, são concluintes: em 1940-41, 526 filmes; em 1941-42, 534; em 1942-43, 468; em 1943-44, 417; em 1944-45, 400 (número aproximado). Menos filmes estreados correspondem a mais semanas, de cada um, no cartaz. Maior permanência de exibição, quer dizer acréscimo de espectadores. «Branca Neve», na sua reexibição, seis anos após a estreia, fez receitas superiores às das funções inaugurais. Teve mais público. E o que se passou com esta «re-issues» não é caso virgem. Prestígio de um título, a fama de um acontecimento memorável projectado através dos tempos, explicam o milagre. A realidade — «mais públicos» — continua presente.

O cinema, quando começou, teve que recrutar os primeiros espectadores entre os ignorantes do espectáculo, os inimigos e os descrentes. Lutou contra a rotina e a indiferença. Foi necessária uma longa e persistente catequização. E as primeiras pessoas que encheram as platéas foram desviadas de outros espectáculos e passatempos. Hoje, as crianças, antes de aprender as primeiras letras, decoram incidentalmente os nomes das artistas de cinema. Começam a frequentar o espectáculo, logo que éte lhe dá filmes convenientes à sua idade e entendimento. Nas novas gerações, não haverá descrentes ou indiferentes. E a legião dos que vão ao cinema aumenta, progressivamente.

Em cinquenta anos, o cinema transformou-se de curiosidade de feira no espectáculo favorito das multidões. E hoje, mais do que diversão, constitue uma necessidade do espírito. É a grande razão da sua força e do seu poder.

FERNANDO FRAGOSO



LABORDE



ADMIRAL ABRIAL

A EVOLUÇÃO DA POLÍTICA INTERNA FRANCESA

PRÓ OU CONTRA DE GAULLE?

A França está a ser fortemente batida pelo vendaval da agitação partidária com vista às próximas eleições, a realizar dentro de um mês.

Os representantes dos partidos e organizações das esquerdas condecoram deliberadamente a maneira como vai ser feita esta primeira consulta do eleitorado francês.

O governo de De Gaulle pretende que seja aprovada um plano para a introdução de representação proporcional segundo o qual o excedente dos votos seja contado em resultado departamental e não nacional.

O sistema de representação proporcional tem sido defendido pelos chefes de partido para garantir uma distribuição mais equilibrada de lugares, mas a opinião geral é que o excedente da votação será incluída nas listas nacionais. O plano adoptado tem levantado as mais acerbas críticas.

Há quem se queixe, por exemplo, de que os poderes dos camponeses ficam perpetuados à custa das comunidades urbanas e industriais, o que vai frustrar as tendências políticas radicais que, segundo se diz, estão muito espalhadas em toda a França.

O mais significativo, porém, foi a declaração de Jacques Duclos, ao discursar numa reunião do Partido Comunista, de que o general De Gaulle seria informado de, no caso da lei eleitoral não ser modificada, os partidos da extrema esquerda seriam obrigados a comunicar ao país que esta forma reacçãoria de escrutínio é trabalho do chefe do governo.

Esta referência directa ao general De Gaulle é quase inédita na política francesa e pode vir provocar um duelo mais entre personalidades de destaque do que entre programas ou partidos.

Núm artigo recente do correspondente do «Times» em Paris, artigo de que os telegramas das agências reproduziram excertos, revela-se que os partidos e os chefes franceses estão ainda muito longe dos seus

objectivos e se encontram em sérias dificuldades para os atingir.

Conforme acontece em quasi toda a Europa que viveu activamente a ocupação e a guerra propriamente dita, os comunistas são de longe o partido mais activo e o melhor organizado. Desta maneira, nunca perdem tempo nem nunca param.

Os outros partidos tradicionais, com excepção dos socialistas, têm a sua força corrompida desde o colapso militar e moral de 1940.

Nas presentes circunstâncias, os comunistas não estão de modo algum em situação melindrosa. Encontram-se associados a Herriot, que é o chefe radical-socialista, no grupo da Resistência chamado «Mouvement Unifié de la Renaissance Française», embora seja possível que o significado desta associação tenha sido exagerado.

Herriot ligou-se ao agrupamento do movimento de Lyon, de modo que a sua acção pode ter carácter e importância mais local do que nacional.

Sobre as outras questões levantadas pelas próximas eleições, todavia, os radicais-socialistas — que estão longe de ser radicais e ainda mais longe de ser socialistas — encontram-se fortemente aliados aos comunistas.

O movimento tendente a conseguir a fusão entre os partidos comunista e socialista está a ser muito pouco êxito e a reconstituição da Frente Popular está mais embrulhada do que nunca.

Se bem que os socialistas estejam ligados à oposição feita à lei eleitoral, eles apolam o general De Gaulle em muitos outros assuntos.

Tudo o que se pode dizer, por ora, é que o general De Gaulle, embora sujeito a críticas muito severas, continua a manter os seus poderes e o seu prestígio de chefe nacional. Além disso, tem uma vantagem de incalculável valor — não ser chefe de nenhum partido. Por esse motivo, é ainda para ele que, no conjunto, todos os sectores do movimento de resistência olham.



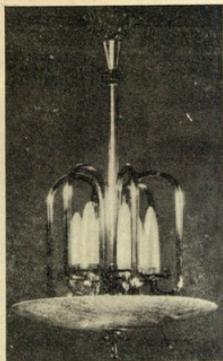
ESTÃO SEGUROS
CONTRA ACIDENTES
DE TRABALHO, NA
IMPÉRIO

COMPANHIA
DE SEGUROS
RUA GARRETT, 56
LISBOA

IMPÉRIO

A ELECTROTÉCNICA BATISTA, SANTOS & C.A, L.DA

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



LINDOS CANDEIEIROS
DE TETO E DE MESA

★

O MAIS VARIADO SORTIDO DOUTROS ARTIGOS E MATERIAL ELÉCTRICO PARA USO INDUSTRIAL E PARTICULAR.

NA NOVA SÉDE DA REPUTADA FIRMA

A ELECTROTÉCNICA
BATISTA, SANTOS & C.A, LDA

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO ARMAZENS E OFICINAS
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa Rua da Glória, 6

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é domada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), erupções, irritações, arupções, ardores na pele, etc. NÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU CÉLULA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500





Aqui vemos Jimmy e o namorado, apaixonado e panorâmico — Depois, fizeram dar um passeio à beira-mar — E, los no Passeio dos Ingleses, em frente ao Casino — Neste acafé, tomam refrescos

A Riviera Francesa, nas margens encantadoras do Mediterrâneo, volta a ser uma grande zona de turismo, como era antes da guerra ter aberto, sobre o mundo, o seu manto negro de destruição. Por agora, a principal atracção turística são os soldados americanos. Um deles, Jimmy Stuart arranjou uma gentil namorada, francesa, junto da qual goza os deliciosos panoramas da Riviera. Dão passeios à beira-mar, almoçam na praia, tomam banhos de sol... E o amor, que voltou de novo à Riviera, brinca com eles, ajudando a construir os seus frágeis castelos na areia...

Este é um exemplo da felicidade que os soldados americanos disfrutam naquelas encantadoras paragens.

O Amor anda por ali em férias... O pior é que, depois, custa mais a separação — e o regresso à realidade!

VOLTOU A BRILHAR O SOL NA RIVIERA!



É o berro e o apetito, realçaram ir almorçar à praia.



— Que adorável bebé!



Finalmente, as «boas-noites», junto duma palmeira.



Depois, um belo passeio de «gavioto»



— seguida de dez minutos de ternura.



— selados com um ferro quente, que é mais do que uma afirmação de amizade franco-americana.

EM CASA

a minha mulher». E alguma fedência que tu tens, e para me comprar um vestido para mim, foi porque compraste dois para ela!». A mulher, de qualquer coisa fazia um romance, e ele já lhe conhecia a técnica.

— Um frasco de perfume! Ela andava sempre a variar de água de colônia, sabia lá o que comprar, que a contentasse. Flores! Ah! sim, flores certamente, mas não só isso.

— Estragou umas poucas de folhas de papel de desenho. Se o patrão visse, delatava-lhe uns olhos, como quem diz: «Vedei esta na tua! Olhe que esse papel custa dinheiro, e não é tão pouco como isso!». Quando à noite chegou a casa, a mulher saltou-lhe, muito alegre, ao pescoço, como um cão farejando a bolsa de caça do dono. Grande recepção! Ele havia flores por toda a parte. A casa estava enfeitada com uma verbena. Ficou embarcado com as suas flores, mas a mulher tirou-o de apuro.

— Deixa ver o teu ramo. As flores nunca são demais.

— Deu-lhe outro bello, amuilto parabeña, e pôs em cima da mesa uma garrafa de vinho do Pôrto, dizendo: «Para festejarmos o nosso aniversário!».

— Ela fez teatral surpresa: — Não te esqueceste, querido? — Não. Se tu tiveste arre de me lembrar logo de manhã...

— Ela com o olhar a acuelar confidencial a servilh-lo em qualquer ocasião, para lhe atrair em casa: «Se não fosses tu lembrado, esqueço do nosso primeiro aniversário de casamento!». Não era de boa política confessar a sua falta mas ela tinha só um ano de casado...

Claro que ela esperava mais alguma coisa. Não pôde trazer só um ramo de flores e uma garrafa de vinho. Sim, ele trazia mais alguma coisa. Procurou, e encontrou um pequeno, mas com um ar que se esforçava por aparentar natural, qualquer objecto nos bolsos de cima. E ela pensava: «Um estójo, com certeza. Que será?».

Quando ele lhe apresentou duas platinas para o teatro, ficou desatentada, mas não o quis dar a perceber. Agradeceu, e pediu:

— Então vamos jantar depressa. E para a primeira sessão, não é?

— Carlos estava contente. Ela ficara satisfeita e ele gastara apenas 110 escudos, ao todo. Deram mais uma bellosa, melo protocolar, melo amorosa e foram para a mesa.

Ela com o lentamente, e com ar pensativo. Ele andava preocupado com um trabalho que trazia entre mãos. Não lhe dava agora atenção. Ela começou então a lembrar alto, mas como se falasse consigo própria: — Quando nos conhecemos eu tinha cinco pretendentes: o filho dum banqueiro, um advogado de nome feio, um importador de madeiras, um actor de cinema — até um actor de cinema! — e preferi o pobre engenheiro no comboio da carreira... — Ele ouviu o monólogo, pouco satisfeito.

— O que tu não dizes é que o actor de cinema era um velho tólo, que se fazia com todas as raparigas; o importador de madeiras tinha tique nervoso de estar sempre a pular e a ligar-se a debor; era possuidor duma pobre estância; e o filho do banqueiro e o advogado não tinham nada de bom, só queriam brincar e passar tempo. Casar, só o pobre engenheiro.

— Mas não é esse que casei contigo porque não tive mais ninguém que me quisesse? — E os olhos encheram-se de lágrimas.

— Não. Respondi apenas ao que dizias.

— Já dedica uma mulher a vida

inteira a um homem, para receber destes agradecimentos!

— Fronto, minha filha, pronto. Eu sou um ingrato. Confesso. Papá, anda, meu amor.

— Ele embraveceu chegar ao teatro ou a qualquer espectáculo e está já ter começado. Não seguiu a intriga desde o principio e ouviu estalidos de língua, indignados, das pessoas pela frente de quem passava, tapando, ainda que por momentos, a vista. Por isso, pediu melmente a Luísa que se despatchasse a engolir-o jantar.

— Mas esta estava positivamente para recordações, e continuou: — Soube-te muito bem convencer-me. Sempre com palavrinhos de ouro. O que tu prometeste...

— Tu é que me soubeste levar. Sempre a dançar à minha frente, sempre interessada por tudo quanto eu dizia, mesmo que fossem projectos técnicos e não percebeses palavra do que eu dizia, sempre feita de acicar e sem te deixares esquecer.

— Queres dizer que me meti à cara? —

— Não. Que ideal! Só digo que desde que me viste, prometeste a ti mesma nunca mais me largares, com certeza. E conseguiste!

— Não te esqueceste eu que te pedi para casares comigo?... que te pedi muitas coisas, muitas coisas? O que tu tens para parares com a tua vida calma e relativamente desafogada.

— Dentro de determinado orçamento, deves ter a tua vida calma e o melo térmio. Preferia que fosses um operário; que me fizesse o teu trabalho de casa; que me permitisse trabalhar para te ajudar. Era mais romântico. Era uma vida de sacrificio por amor.

— Ah! Romântico! Tu curesse romantismo. Os livros cões de rosa, de rosa azul, dizem tudo da cachibana e o melo térmio. Preferia que fosses um operário; que me fizesse o teu trabalho de casa; que me permitisse trabalhar para te ajudar. Era mais romântico. Era uma vida de sacrificio por amor.

— Não aconteceu nada néles que não possa acontecer na vida. Nunca te vias um patrão casar com uma empregada, por exemplo? Olha a grande coisa. A minha mãe conhecia um conde que casou com uma criada de servir; com uma criada, hein!

— Não. Condes não conheço nenhum, mas patrões, todos os que conheço ou casam com as filhas dos sócios ou de outros patrões. Mas eu não me dou com gente romântica ou nobre, não é assim? Claro que a tua mãe não tinha melo boas relações. E só de conde para cima, não?

— Nem de conde para cima, nem de nobre para nobre. É só a passar o verão numa quinta, no Lumiar, ao pé da madrinha da minha mãe, mas não te vou contar. Não me faz mais ironia. Era perigoso. A explicação fó dada em ton que não admittes a politica actual.

Ela continuou a repisar:

— Al o que tu me prometeste em solteiro... Estou no comboio da carreira e ainda posso vir a triunfar na vida. Tenho a certeza que estou certo de que o condego! O condego está em contradição com o definitivamente? Quando saímos das céps tortas?

— Também te dizia que é preciso uma oportunidade, não dizia?

— As oportunidades aparecem sempre quando... (hesitou) quando há o resto.

— Sim, e eu não tenho valor. Há na tua vida, não te dá a vida. Não me dá a tua voz uma certa amargura.

— Não ouz dizter isso. Não airmes que eu não sou feliz.

Ela disse isto, mas foi mera desdita.

(Continua na página 16)



RAM 8 horas da manhã e o despertador tocou, trrrrr... sem se importar com o que quer, o marido ficou a continuar dormindo, ou os sonhos bons que cada um pudesse ter. Inexorável máquina! Carlos acordou de chofre, espantado.

— Já são horas? Nunca mais é domingo, para poder dizer ao despertador que não me macae! Saltou da cama. Se ficasse a remanchar, custava-lhe depois mais. Luísa acordou também, com toda esta bulha, mas continuou de olhos fechados. Oportunista, como todas as mulheres, espreguei a «deixa» para perguntar:

— Que dia é hoje? — Ele olhou o calendário em cima da secretária, no compartimento antigo.

— Terça-feira, 17... Então hoje é quarta-feira, 18.

— Já estamos hoje a 18 de Junho...

Bocoujo e voltou-se para o outro lado. Com tacto diplomático, fizera lembrar o que queria. Uma mulher nunca perde ocasião de fazer lembrar o que quer. O marido ficou a pensar: «18 de Junho... 18 de Junho... Isto lembra-me qualquer coisa. Raio de data, que será?».

— Foi fazer a barba. 18 de Junho... Ah! Faço hoje um ano de casado. Um ano! Ela parece não ter ligado importância à data. Ainda está melo a dormir. Ou talvez finja. Tem manha que chega para doze. Dormirá ou fingirá? Bolaa!

Entredito a pensar, cortara-se. Passou um pouco de algodão embebido em água oxigenada pela cara, para apagar os traços de sangue. Fêz-se, preparou o café e bebeu-o, porque se fôsse pedido à mulher, esta começava a choramingar e queria era uma desgraçada, uma escrava... e não não tinha criada naquela altura, de misturava o café no leite já fervido, e não fim disto tudo quecido em alcool, bebia-o descansado, sem ouvir lamurias.

Acabou de se preparar e foi à cama dar um belinho «á carochas». Tudo isto era a choramingal e fazia parte da rotina de todos os dias. Ela ainda estava de olhos fechados, e assim se conservou depois do costu-

meiro ano venhas tarde, que a tua menina tem medo de estar sózinha, mas depois de ele voltar as costas abriu bem os olhos, e disse para si: «Grande cameio! E caiz de ter bebido o café sem leite todo, sequer se lembrar de me trazer uma chávena de le.

Levantou-se em roupão, foi, por sua vez, tomar o pequeno almoço e voltou para a cama.

Carlos, começou seu dia preocupado, e assim esteve. Se se fizesse esquecido? Nem pensar nisso! Ela delatava tudo abalizo, furiosa. Que lhe devia oferecer? Sabia o que «devia», isto é, o que ela gostaria, mas... pode um pobre engenheiro, empregado como qualquer mangá de alpaca, oferecer uma pulseira ou um alfinete de brilhantes, a esposa? E que mania que as mulheres têm pelos brilhantes! Só prestam na casa de penhores, quando há qualquer asar na vida, e é isso mesmo que elas dizem aos maridos, para os convencer a comprar, mas quando tal coisa acontece (é bem conhecida o caso de Cipriano, por exemplo), ficam com um ar mais martirizado e desgraçado do que se perdessem os próprios maridos. Brilhantes, pois, fora da questão. Não se pode pensar nisso. Ouro? Uma pulseira de ouro, daquelas largas, que parecem grilhetas de escravos? Pelo preço do ouro, era coisa para contos de réis. E uma igual, em latão dourado? Ela já tinha várias, mas parecia coleccionador. Ora, latão não é presente digno de aniversário de casamento (não tinha muito bem a certeza de que não fosse, mas parecia-lhe). Um corte de sêda para um vestido? A minha há pouco de agora que pagar do, e depois não sabia escolher. Uma vez que fóra com ela, via: «Oh! estas florzinhas são muito miúdas. Estas rozas muito berrantes. Estes honecos não já tão banais...» E se tom de verde confundisse com o daquele vestido que já ténho, não achas? E se conseguisse acertar com um «simplino» que lhe agradasse, ainda era pior. Imaginava o que ela diria: «Não, isto não foi escolhido por ti. Conheço muito bem a tua falta de gosto. Isto foi escolhido por uma mulher. Sim, senhor, o meu marido confundiu-se com uma mulher! Claro que não é encontrou na rua e lhe pediu: «Pst, venha ajudarme a escolher um vestido para



O dia-a-dia em Berlim! — homens e mulheres, em parada, na companhia contra a fome!



Os berlinenses recebem a sua ração diária de pão

MAIS IMAGENS DE BERLIM

CONTINUAM a correr mundo mais imagens de Berlim de hoje, o triste legado de Hitler aos berlinenses...

Imagens de tristeza — que sempre é triste viver-se sob o domínio estrangeiro, por mais humano que ele seja, vale a pena determo-nos sobre elas, e observá-las por instantes... Essas fotos, na sua simples eloquência, são a imagem viva da guerra, da guerra implacável que passa para deixar em seu lugar a desolação e a dor...

Estas são as imagens duma cidade donde se pretendeu dominar o mundo... E o mundo, hoje, debruça-se, curiosamente, sobre elas, para ver até que ponto vale a pena pretender-se fazer impor a lei do mais forte...



Um grupo de crianças órfãs, na Unter den Linden



O «mercado negro» em Berlim. Dão-se fortunas por um simples maço de cigarros!



A chegada a Berlim dum comboio aliado de abastecimentos.



Desembarque de leite em pó



À falta de jornais de grande expansão, a forma actual forma actual de pôr um anúncio, na capital alemã, é espetá-lo numa árvore, em rua concorrida!



Em Berlim, é grande a falta de tabaco. Há quem troque peças de vestuário, binóculos e até máquinas fotográficas por um vulgar maço de cigarros. E, por isso, as pontas de cigarro também têm cotação...



A estátua de Hércules, em ruínas...



Crianças alemãs assistem a um espectáculo de fantoches.



Isto foi a Estação de Potsdamer, em Berlim



A ração diária dum berlinense: — um naco de pão, algumas cenouras e meia dúzia de batatas.



Nos bancos dos jardins públicos ainda se podem ler os letreros: proibido aos judeus!...

INTERCÂMBIO ESPIRITUAL

Uma entrevista com Alfonso Mangada — onde se fala dos livros espanhóis

NUM recanto da «Portugália», quasi escondidos, Pedro de Andrade, o conhecido livro-falador animadamente com Alfonso Mangada, que veio ao nosso país tratar da próxima «Feira do Livro Espanhol».

Havia interesse em ouvir esta personalidade em evidência no meio literário do país vizinho.

Uma breve apresentação — e Mangada logo prontamente respondeu:

«Estou satisfeito — comecei por nos dizer — sobretudo por encontrar na terra portuguesa uma hospitalidade e carinho inesquecíveis. Não há dúvida que a apresentação dos vossos livros em Madrid foi um êxito — e veio trazer a este problema, que urge resolver quanto antes, das relações de cultura entre os povos de afinidades raciaes, o caminho da boa compreensão, que um inteligente esforço há-de correr como merce».

— Só um público escolhido, o que há de mais culto em Espanha, comprou livros. Todavia, os quaranta cahixos que para lá foram carregados, vieram vazios — e Camões, Gil Vicente, Bernardes ou Vieira, clássicos que delicia a «élite» da cultura, tiveram uma procura enorme...

— Nesse caso...
— Sim, foi um êxito. Mas se-lo-á ainda maior quando a língua, difundida em leitores, a boa propaganda feita por todos os meios, a expansão das revistas e dos periódicos portugueses, tornarem possível um melhor conhecimento da língua, que hoje, ao contrário de Portugal com o idioma espanhol, é privilégio duma minoria.

— Acha, então, que devemos levar ao mercado espanhol, antes do livro, o ensino da língua?
— Claro... embora, também, a revista, o jornal, o livro, possam, pelo contacto, facilitar a aprendizagem. Veja, por exemplo, o que acontece com o espanhol. Os nossos periódicos, as boas revistas e os livros técnicos, que têm tanta procura em Portugal (exportamos 3.000 cópias, enquanto importamos a décima parte), são entendidos por toda a classe média — e não foi além da instrução secundária.

— Em Espanha, não. Conhece-se mal o idioma. A publicação portuguesa raro aparece — e, por esquecimento, não revela interesse.

«Ora êste desconhecimento deve-se, unicamente, ao abandono da língua portuguesa, estudada em poucos centros educativos. Nos nossos cursos de bacharelato, com sete cadeiras de línguas modernas, mais sete de língua e literatura espanholas — porque não língua e literatura líbericas? — e outros sete de línguas clássicas, cabe acompanyar, perfeitamente, sem prejuízo dos planos estabelecidos, o dos cursos de língua e literatura portuguesa.

E, depois duma pausa, Alfonso Mangada prosegue:

— Assim, ambos os povos lucrariam. Acabar-se-lá, também, essa praga das

(Continua na página 16)

O SR. EMBAIXADOR DA AMÉRICA REGRESSOU A LISBOA



O Dr. Herman Baruch, Embaixador dos Estados Unidos, recebe os cumprimentos do pessoal da Embaixada, no seu regresso a Lisboa a bordo do «Clipper», depois de uma visita de três semanas à América



O sr. Embaixador da América é saudado pelo Conselho da Embaixada, Sr. Edward S. Crocker, ao descer do avião em que regressou ao nosso país, em que só conto sinceros simpatias.



O sr. ministro da China e sua esposa, acompanhados pelos adidos militares e navais recebem os convidados.



Leão Penedo, romancista vigoroso e de real qualidades, autor de «Mullidos», «Caminhada» e «Círcos», acaba de fechar contrato com uma importante casa editora de Helsinquia, Finlândia, para uma edição em finlandês do romance «A minhada».

Trata-se duma justa homenagem a um escritor novo, mas de afirmado e indiscutível valor.



Santiago Rivera, o mais competente técnico espanhol de dobragem, que dirige os estúdios Fayo y Rivera, foi convidado, por um grupo de capitalistas portugueses para organizar, em Portugal, um estúdio de dobragem de películas norte-americanas e inglesas, para português e espanhol.

Santiago Rivera dobra, para espanhol, os artistas Ronald Colman, Laurence Oliver, Warner Baxter, Akkin Tamirof e Cary Grant.

O sr. ministro da China ofereceu, no Avia Boe um «cocktail» aos diplomatas aliados, comemorando o final da guerra no Extremo Oriente, a vitória do seu país.

Entre a assistência viam-se os senhores: Embaixada da Inglaterra, ministros da Holanda, Itália, França Grécia; a filha do embaixador dos Estados Unidos, dr. Castro Fernandes, subsecretário das Corporações; dr. Frazas Vital; general Almeida Azar; almirante Bello de Sousa; jornalista Correia Marques; Macé Cheke, 1.º secretário da Embaixada Britânica; dr. Bevilacqua Viana, etc.



Um aspecto da brilhante recepção

A razão porque a Rádio se incompatibilizou com o Teatro...

MARIA LEMOS TEM MEDO DE ENTRAR PARA O THEATRO PORQUE É MUITO DISTRÁIDA!

l leitor que anda ao facto do movimento radiofónico nacional, fixo, decerto, um nome tão meritório como modesto, que bem pouca publicidade têm sido em seu redor, por motivos que difficilmente se conseguem perceber.

Referirmo-nos a Maria Lemos, que os ouvintes da Rádio muito apreciam. De tantos elementos do microfone que têm sido ouvidos e têm deposto nos jornais, faltava, realmente, Maria Lemos.

Calhou agora. De resto, nunca é tarde para se prestar um acto de justiça.

Se encararmos o facto filosoficamente, talvez encontremos, até, razão para louvar Maria Lemos, por só agora ser solicitada para falar. É que no momento, a simpática artista, tem já uma carreira de sete annos, mantendo-se sempre actual, sempre moderna e sempre com interesse, porque não tem abusado de certos erros, que incurrem alguns colegas seus, ávidos de publicidade e crentes de que a presença d'ella ao microfone é condição «sine qua non» para marcar valor e conquistar popularidade.

A Maria Lemos anda sempre com um sorriso dese-

nhado no rosto. Dizem, mesmo, que é um sorriso Maria Lemos... Estubão, quando lhe dissermos de «vida Mundial Ilustrada» queria ouvir-lá.

— É para mim uma sensação nova. Veremos e saberei responder...

— Então não há-de saber... Olhe, para principio digame: — Onde nasceu?

— Tem a primeira resposta, que é uma revelação para todos nós, porque a Maria Lemos não é excessivamente faladora:

— Sou algarriva, de Portimão.

— Não parece...

— Mas sou...

— Claro que nasceu em Portimão, há já uns annos.

Aqui, o semblante de Maria Lemos transmudava, porque certas «instituições» não são muito do agrado das senhoras...

— Sim, já lá vão vinte e cinco annos...

— Bom, deixemos essas pormenores. Há quanto tempo trabalha na Rádio?

(Continua na página 16)





A chegada à estação do Rossio dos esportes espanhóis de natação, que vieram defrontar-se com os nadadores portugueses.



O sr. Ministro das Obras Públicas recebendo uma Comissão delegada das forças económicas do Norte, que lhe foi pedir a realização de importantes obras no barro e pórtico do Douro.



Um aspecto do banquete oferecido pelos governadores civis ao sr. Ministro do Interior, pelo primeiro aniversário do seu posse.



Realizou-se, há dias, a cerimónia da posse dos novos médicos, ultimamente nomeados pelo Governo para o Instituto Maternal.



O sr. general Carmona inaugurando a exposição do artista Hebl, nos «Amigos de Lisboa».



MÉTODOS MODERNOS

POR MANUEL MARTINHO

O desporto, a revigoração dos corpos, é tido, nos países progressivos, como elemento indispensável ao desenvolvimento da raça.

Os campos retilineos, as amplas piscinas, frescas e cheias de mollicidade, onde a alegria, o músculo e a beleza servem para clarear a vida, tirando aquele ar sedentário das turbas enfermas e de peito estreito, encontram-se por todo o lado, com o sentido perfeito de revigorar o corpo a par de educar o espírito. No inverno, são as amplas planícies e os cumos das serras, onde a neve estende mantos de prata, que encham de contentamento toda uma gírrula e inquiete mollicidade que patina, e que enche os pulmões das emanações de ar salido e resma dos densos pinheirais. O camponês, o «cruvas», o «clisismo», os jogos destros, que requerem ligeireza de movimentos e ajudam a criar domínio sobre certas faculdades de vista e cérebro — nós chamamos-lhe *golfe de stilette* — são praticados não com o sentido do troféu e das palmas que há-de premiar o esforço, mas porque se compreende que, como a alma, o corpo — involucre, mas que a rodeia, em frase dos espíritas — precisa, também, de ser corrigido, enchendo a pele balfoa, que quer sono, de tecidos rígidos, de músculo, de vigor físico!

Ora entre nós, ainda há bem pouco tempo, toda a gente se brenia quando os ingleses de Caracvelos, forte e espiçados, de pele igual a do chourico do Montijo, vieram de blusas desportivas e grossas botas de cabedal, dar «shoots» numa bola, como então, popularmente se fazia na Inglaterra. Cêdo o desporto se tornou, para todas as camadas, um motivo de espectáculo.

Aos concursos hípicas — sempre mundanos — onde parte da alta sociedade fazia da *stollette* — a presença requintada, e das palmas o enganoso entusiasmo «mobs», quisid igual ao dos coméctos, o futebol veio antr-se, capaz de arrancar toda uma multidão gritante, «uérica, mas antagónicamente diferente, sem gravata, mas alivada».

Ora o mal disto é que ainda não havia desportistas — já havia, porém, multidões para ver espectáculos. O futebol tornou-se uma organização. Verdadeiras companhias, que chegam a fazer *stourmées* pela provincia e ilhas, dão espectáculos para Misericórdias e hospitais. Ora isto tem, quanto a nós, o seu aspecto filantrópico — o até, se não é educativo — para os moralistas — deve horrorizar, muito menos, as doentias sensibilibidades provincianas que a tourada e o sangue dos bois...

O público, na capital, atropela-se, discute, troca insultos, grita, enrouquece, senhoras animadas, cem por cento futebolistas, voltam do campo de nervos arrazados, só porque Beltrano teve um *falnanco*, e lá o grupo desceu na classificação.

Assobia-se um jogador, um «team» em péso, como qualquer artista do arame que flude o público, fazendo coisas que as aldrabales engendradas no programa acolamavam de *divinas*, e que, afinal, não passam de reles falatrata.

Felizmente, pensa-se em melhorar esse nível.

Os jogadores entram em campo e, de braço estendido, saídiam a assistência delacadamente. O público, porém, se não está pelos ajustes, amobla-lhes nas bochechas, grita-lhes coisas do arco da velha, e chegam até a cair pedras no campo. Depois, começa o jogo. Os capitães, antes, caem desesperadamente, cheios de ódio, nos braços amistosos e fraternais da camaradagem — e estreitam-se aos bellicões. Oferecem galhardetes — de punho fechado, com um sorriso que diz: «daqui a nada levam um pinhão!».

E, depois, é um jogo cheio de delicadezas: «dá-me licença que passe?», «vou chutar» com o pé esquerdo, ah...

O público regala-se. Até dá gosto. Tudo são mesuras...

Até que a «claque» reclama: «goals!», «goals!».

O «capitão» diz para o seu adversário: entre V. Ex., que é o mais velho!

E há um «goals» espectacular, formidável, sobre a trave, depois dum «corner»...

Palmas. Vivas. Toca a música. Abraços, flores, beijos. E o árbitro dá o desafio por terminado.

Fica combinado, a meio campo, que para a outra vez o vencedor será vencedor.

Ah! meus senhores, assim não conheço o meu futebol da canelada, do murro, do encontrão...



Mulheres das melhores famílias socializando em Curitiba, vestindo o chapéu das Vindeiras.



Aqui não se chapéu não pertence! Quem vestir o modelo mimos sofrerá!



Chapéu utilizado com sucesso nas festas — tanto no interior quanto em Curitiba.



Em Curitiba.



Um belo chapéu de terra brasileira!



Uma mulher usando o chapéu das Vindeiras em Curitiba.



Um grupo de senhoras usando o chapéu das Vindeiras.



Não duvide para o Congresso de Curitiba, Alameda da Associação, de 15 a 17 de maio. A comissão para fazer o chapéu das Vindeiras é formada por senhoras de Curitiba.



Turmas de 24 senhoras, paulistas e mineiras.



Um grupo de senhoras usando o chapéu das Vindeiras.



Um momento da festa, que se realizou em Curitiba em 15 de maio.



REVISTAS. Este ano, de excepcional brilhantismo, a tradicional festa das Vindeiras, em Curitiba, organizada pelo Grupo Pró-Vindeiras, teve a colaboração de todas as senhoras das mais elegantes famílias, que passaram horas de franco e caloroso trabalho. Houve festa no Teatro Páris, com grande concorridão e animação, com o concurso de chapéus enfeitados e de vestidos de noite, jogo florido assinado em tinta das vindeiras e, como atração adicional, o estrofeio de um, que decorreu com notável entusiasmo.

Aqui ficam algumas lindas imagens do festejo das Vindeiras para recordação das que o não assistiram e prova de que, apesar dos descontentamentos, não houve um só brasileiro sem falar de chapéus e vestidos, nem festa bem portuguesa.

(Foto: Amador Farias)

ALGUMAS DAS GENTILÍSSIMAS SENHORAS QUE TOMARAM PARTE NAS FESTAS



O TRATAMENTO DO "VELHOTE"

CONTRA OS ACHAQUES MAIS VULGARES

Todos os cuidados de V. Ex.^a são poucos para evitar os achaques do seu carro, que começa a dar francos sinais de velhice. Assim, há que prestar a melhor atenção à lubrificação do motor, das transmissões e do chassis. Mas o carro também tem acessórios — e alguns de fundamental importância, como, por exemplo, a bateria, para a boa conservação da qual se deve observar o seguinte:

1. Manter a densidade do electrólito entre 1.225 e 1.285.
2. Se as diferenças de densidades entre os elementos forem acentuadas, embora dentro dos limites apontados, fazer examinar a bateria por um técnico.
3. Manter o electrólito ao nível necessário para cobrir as placas sem perigo de transbordar.
4. Manter os terminais das baterias e dos cabos escrupulosamente limpos e em contacto perfeito.
5. Fixar bem a bateria no seu lugar, para que ela vibre o menos possível com o movimento do carro.



Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2057

Com um sorriso nos lábios, este rapaz, além do prazer que tem em aplicar os seus conhecimentos técnicos adquiridos na Escola Técnica, ganha ainda uma libra e doze xelins por semana!

27 RAPAZES ESTÃO A CONSTRUIR UMA CASA!

EM Bournemouth, Inglaterra, vinte e sete rapazes, que pretendem ser construtores diplomados, estão a construir uma casa, verdadeira aula prática do seu curso...

Na América, temos muitos magnates da Imprensa que começaram por vender jornais. Agora, na Inglaterra, estes rapazes fazem de pedreiros e strolhas, para um dia, quando orientarem uma construção, não só saberem o que custa mandar, mas, também, o que custa obedecer...

Estes métodos fazem parte dos novos planos de reconstrução do Governo Inglês.

Vinte e sete rapazes constroem uma casa! Nesta hora em que, por todo o mundo, casas, ruas, cidades, estão por terra, esta «obra» dos vinte e sete rapazes de Bournemouth chega a tomar o aspecto dum símbolo!



Os rapazes seguem os conselhos de Alfred Northon, um construtor experimental, que a todos os momentos lhes diz: — Creiam que não há nada como a prática!



John Payne, filho dum engenheiro naval, decidiu-se por esta vida, porque tem a mania de viver ao ar livre.



Este rapaz constrói uma parede. Chama-se Kemett Pritelard, tem 15 anos, e tem uma enorme sede de aprender. E afirma: — Todos falam por aí em construir casas, mas é preciso que alguém comece a fazê-las!



A obra começa a ser uma casa! E as paredes vão subindo com uma precisão que surpreenderá os mais experimentados construtores. Bravo, rapazes...

ÊLE E

(Continuação da página 8)

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
RADIO



LANA TURNER



CABA
Jose Costa
RUA DE S. PAULO, 11-13 LISBOA / TEL. 2 4888

culpa, mal colocada. E continuou ainda:

— E o que me prometeste de amor! «Amar-nos-muito. E sempre». Se te peço qualquer coisa e choro porque não mo dás, deixas-me chorar sem te comoveres. Se gostasses de mim...

— Se te fosse a amimar quando choras, nunca mais te calavas. E não pensas que és bonita a choramingar.

— És um selvagem. Nunca te emocionas.

— Se não gostasses de ti, não te aturava. Isto é que é amor.

— Dá tanto amor!

— Mas o coração não tem conta corrente no Banco.

— Que linda frase.

— Não é bastante novela cêr de rosa?

— Dissocetela com um ar tfo, trocista que até me dá vontade de te puxar os cabelos.

— Minha filha: não sei solucar e nunca interpretei Shakespeare nem em recitas escolares.

— Já chegaste a estar oito dias zangado comigo, sem me dizer mais que o absolutamente indispensável. Tudo porque eu cuera um sapato azues e tu embravias que há pouco me tinhas comprado uns 'pretos. Não pensas que me esqueço. Só quando uma vez ao almoço te apresentei ovas de peacada, te sensibilizaste e viste dar-me um beijinho. «A minha rica mulherzinha, que me fez ovas para o almoço». Tens mais amor à ovas de peacada do que à tua mulher!

gico, a tenda e objectos de campismo com que sonhava. Recompôs-se. Era-lhe impossível fazer cumprimento e ter a mulher, simultaneamente, num hotel, em qualquer praia ou estância de turismo. Porque ela não quereria ficar em casa ou viver eccomo as peles-vermelhas. Respondeu:

— Querias fazer-lhe uma surpresa, mas ela adivinhou os meus pensamentos.

— Bem, bem, não é pôlos na rua, mas vamos ao altrair, vai, minha filha. Não faças cerimónia.

— Porquê d'ódas ataraxias para o quarto, «ajuda-la a vestir-se». E davam-lhe os vestidos e o marido.

«O Carlos é muito bonito». E Luísa dizia agora: «É tua mulher». Sentia-se lionleada e bem disposta. Os homens, na saltra sehiem e fumavam. O nadrinho de casamento felicitava, mais uma vez. Carlos: «A Luísa é um amor de rapariga tão meiga... Não se lhe pode negar nada do que pede, não é verdade? E engrandeci. Quando está bem disposta, enche uma casa.

«O Carlos, estando estava mal disposta. Mas ela era agora vista pelo prisma favorável e Carlos também sentiu contente com a escolha que fizera.

Saíram para a rua. Separaram-se de novo, mas a ataraxia de Carlos com as propoas dos outros partem, Carlos disse: «Voumos a pé, como os namorados».

Ele ri-se gostosamente do absurdo da afirmação. Davalhe ainda muito mizmo e achava piada a disparates. Um ano depois ficaria indiferente e outro ano ainda o mandal-a a casar-se com baoboeiras. E ela calar-se-ia quando o visse azêdo. Mas como faziam um ano sómente, o diálogo proseguiu no mesmo tom:

— Só pensas nas coisas prosaicas da vida. Sabes lá o que é o amor?

— Então o que é o amor?

— Evidentemente, não é gostar muito doutra pessoa. Mas parece-me que deve ser duma maneira diferente que tu gostas.

A noite estrelada, o ar leve e a brisa contal, uma carta senem pela epiderme, causaram o súbito ataque de romantismo licencioso. Ela encostou a cabeça ao peito de Carlos. Carlos ficou a olhar para a Praça Marquês de Pombal até à altura do Parque Mayer, a Avenida da Liberdade, pouco iluminada, com os seus arvôres, como um poema, a ramaria quando uma luz sideral nocturna de verdadeiro sonho, tudo isto lhe fazia lembrar... os filmes de Betty Grable e o marido era o marido era o marido recido com o Randolph Scott (uma estranha mistura, o Randolph Scott num filme musical, O Rei, o Randolph Scott, que se diz, o marido, talvez não fizesse muito má figura num filme musical, porquê prefina a todo o instante. O marido, claro.

— De hoje a 20 anos acharás que o amor é feito de atenções delicadas, pequenas nungas, a desculpa molitua de certos defeitos inerentes a todos nós. O nosso convívio, enfim, isto com as preoccupações pelos meninos que havemos de ter. Não achas?

— Isso é tudo tão terra-à-terra... Vamos amar exactamente como o nosso merceiro e esposa, limitada.

— Podes estar certa que nunca mais te levo a ver filmes do Charles Boyer.

— Eu disse aculro do adecerô, mas foi só para os calar. Tens falado tanto num tempo de amor e de campismo. Compra, eu te não me importo. Como não é muito próprio duma mulher viver assim por baracas, eu disso r com a minha mãe para as Caldas ou para a Figueira da Foz, enquanto tu acarpuras.

— Oh! não, não, cuerdia. Não consinto que te sacrificares por minha causa. Eu como tu.

Deitou conta, num momento, e por alho com compra a tenda e estádia em hotel, não contando que, tarde ou cedo, havia de comprar o marido, e assançoso. No fundo, a verdade é que também achava que a pele branca da mulher, d'um branco pálido, mate, bem merecia um adôrno de brilhantes. Apertou-lhe o braço com ternura de encontro ao peito e chegaram à porta do hotel. «Com os diabos, a porcaria da peça para que já tinha comecado!». E entraram.

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA



Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká MATA
PERCEBIBOS BARULHAS PARULHAS TRACA



Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Cada caixa 3\$00
Lisboa — Largo do Contador Mór, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

Rainha da Hungria
OS PRODUTOS DE BELEZA SÃO MUITO CONSIGNADOS PELA MULHER LEGANTE



RAINHA DA HUNGRIA

Uma entrevista com Alfonso Mangada

(Continuação da página 10)

mas traduções, que nunca deixam ver o estilo e a personalidade do escritor.

— Para? quando a exposição do livro espanhol?

— Em Novembro, certamente. O Instituto Nacional do Livro Espanhol, que tem agremiado quasi dizenos editores e quinzeiros literarios, vai mandar, ao publico portuguez, as suas obras mais representativas, desde o livro ténico à novela.

— Que autores vão trazer?

— Tudo—desde os nossos clássicos. Os modernos, que ainda estão por traduzir, e que são de muito valimento, para A. M. Valera, Pereda, Gabriel Miró, Alarcón.

— E a rematar?

— Fiquê sabendo: os leitores portuguezes vão encontrar muitas revelações nos nossos escritores—e de certo, a Petra do Livro Espanhol há-de marcar com um passo decisivo para este entendimento entre dois povos de afinidades rísticas tão comuns, que há muito devieram canalizar pela Europa o esplendor da sua cultura ibérica.

Maria Lemos

(Continuação da página 10)

— Desde 1929. Comecei «Varedades» do Rádio Clube Portuguez, então organizada por António Frad. Depois, José do Oliv. Cosme convidou-me para as suas Embalsões Recreativas, e passei a fazer parte do elenco que tanto delava a miúdo e graídos. Até que...

— Surgiu a oportunidade da Emisora...

— Nunca fêz cinema?

— Não. Gostei muito da sétima arte! Gostaria de tentar...

— E o teatro?

— Não me seduz. Tenho a impressão de que nada faria, porque cuncta a decorar as letras das cançõetas... Na Rádio defenem-me levando acubela para o microfone...

— Mã memória...

— Não bem isso. Sou muito distraída. Qualquer ruído, eu... distraio-me!...

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

APESAR DE SER UM DESPORTO DE "ÉLITE", O "TENNIS" CONSEGUE INTERESSAR TODA A GENTE



Gabriela Cantarino, jogando para o final, em «pares-mixtos»



O campeão José Roquete, jogando com José Silva



Outra atitude de José Roquete, na final do Campeonato



José Silva, numa jogada com Roquete



José Silva, jogando



Outra atitude do mesmo «tenista»



Os finalistas da 2.ª categoria de «singulares»: Azevedo Gomes e Manuel Motos.

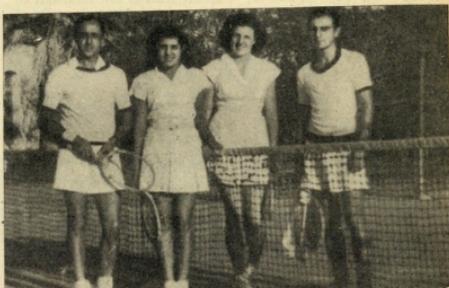
O CAMPEONATO DE PORTUGAL DE "TENNIS" 1945

DECORREU COM EXTRAORDINÁRIO INTERESSE

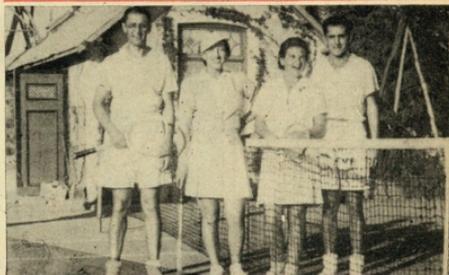
NOS «courts» da Parada de Cascais, disputou-se, com grande interesse e brilhantismo, o Campeonato de Portugal de «tennis» de 1945, o certame mais importante da modalidade. O campeonato de «tennis» foi, simultaneamente, uma verdadeira parada de elegâncias. Um público selecto assistiu aos encontros e aplaudiu, com raro entusiasmo, as melhores jogadas.

José Roquete, o admirável «tenista», continua campeão nacional de «tennis».

As fotos mostram alguns jogadores e as fases mais interessantes do Campeonato.



Pares-mixtos, 2.ª categoria: Ruy Pereira, Maria José Silva, Jeckeline Favrum e Azevedo Gomes.



Pares-mixtos: José Roquete e Gabriela Cantarino e Mrs. Flint e José Silva

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVIII O DRAMA DE TOULON

vios, que constituíam, para todos, um título de legítimo orgulho que até essa altura tinham conseguido afastar da derrocada geral.

Nas vésperas do drama

Entretanto os acontecimentos, directos ou indirectamente relacionados com o desembarque aliado no Norte de África, não deixavam de se precipitar, tendo sido já feita alusão a alguns deles no capítulo anterior. O comando supremo da esquadra francesa estava entregue ao almirante Laborde, que era geralmente considerado o mais categorizado oficial da marinha de guerra francesa, sob o ponto de vista profissional. A sua rivalidade com Darlan era conhecida e tinha-se prolongado ao longo de toda a sua carreira. Laborde representava o tipo do oficial exclusivamente dedicado ao exercício da sua profissão, não fazendo intervir, nem para as suas promoções nem para o seu acesso, qualquer espécie de influência política. Darlan representava o tipo oposto, dada as suas conhecidas afinidades com a família do antigo ministro da Marinha, Georges Leygues, que fora o verdadeiro renovador, graças à sua influência e ao prestígio de que dispunha no partido radical-socialista, da Armada francesa.

Durante muito tempo, antes do início das hostilidades, era convicção generalizada nos meios navais da França e da Grã-Bretanha que na hipótese de vir a produzir-se uma intervenção armada da França no con-



Em Setembro de 1940, Leon Blum passeando num parque de Vichy entre dois homens públicos

filito que começava a considerar-se inevitável, Laborde seria encarregado do comando efectivo da esquadra em operações. Esta ideia foi posta de parte pouco tempo antes do início da guerra, quando esse comando foi atribuído, de maneira efectiva e definitiva, a Darlan, graças às protecções políticas com que este continuava a contar.

Em seguida à ocupação total do território francês, o almirante Laborde dirigiu uma «Ordem do Dia» à oficialidade e as equipagens dos navios de guerra que se encontravam em Toulon, na qual se afirmava, de maneira categorica, que a esquadra se mantinha, halteravelmente fiel ao marechal, e, no caso de se produzirem quaisquer incidentes, que apenas obedeceria às suas ordens. Essa «Ordem do Dia»

constituía uma resposta indirecta à mensagem radiodifundida do almirante Darlan, em que este convidava as tripulações dos navios a juntarem-se a ele e a fazerem causa comum com as forças militares que no Norte de África se haviam posto incondicionalmente ao lado dos anglo-americanos.

Um convite à população de Toulon para abandonar a cidade o mais rapidamente possível

No dia 25 de Novembro tornou-se publico que em Gibraltar estava a fazer-se uma grande concentração de unidades da marinha de guerra da Grã-Bretanha e que dessa concentração faziam parte alguns navios de linha e porta-aviões. A atitude, mal esclarecida, da esquadra francesa, não podia efectivamente deixar de constituir um motivo de preocupação compressivel para o alto comando aliado, dada a extensão das operações que estavam a realizar-se no Norte de África e a possibilidade de que as forças que ali se encontravam pudessem ser objecto de qualquer surpresa pouco agradável. A concentração de navios de guerra ingleses em Gibraltar bem poderia ser uma manobra de intimidação realizada com o objectivo de obrigar o governo de Vichy e os navios que se tinham colocado sob as suas ordens a definir concretamente a sua posição perante a nova fase dos acontecimentos.

A recordação de Mers-el-Kebir estava ainda muito fresca na memória dos oficiais da marinha de guerra francesa para que eles pudessem por inteiramente de parte a hipótese de uma repetição que se justificaria perfeitamente pela necessidade de evitar consequências capazes de alterar a realização dos planos de guerra previstos pela Grã-Bretanha e pelos seus aliados. Por isso em Toulon, na área do porto e em volta dessa área, começaram a ser adoptadas medidas de vigilância excepcionais, as quais também se justificavam pela necessidade de prevenir qualquer golpe de mão, sempre possível, dos alemães.

A emissora de Vichy, entretanto, anunciava que o prefeito de Toulon, havia dado uma ordem expressa para que na cidade se conservassem apenas os habitantes que nela eram obrigados a permanecer por virtude de motivos ponderosos e justificáveis. Essa ordem, como se sabia imediatamente a ser cumprida e multos milhares de pessoas abandonaram Toulon.

(Continua na pág. 16)

O general De Gaulle, num vibrante allocução

A situação do porto de Toulon passou a ser um objecto das atenções gerais, que attitude iam assumir os oficiais e as equipagens da esquadra francesa que, na sua quasi totalidade, se encontrava ancorada nesse porto? E, por outro lado, qual seria o procedimento dos alemães que, de momento e por motivos fáceis de compreender, tinham evitado o espectáculo de violarem as cláusulas do armistício relativas à sorte dessa esquadra? Iam continuar a poupá-la, pelo contrário, desejavam apenas adormecer a vigilância dos marinheiros franceses e saltar, de um momento para outro, sobre a presa valiosíssima cuja posse podia alterar o curso da guerra e apoderar-se dela?

Era opinião corrente, embora não fossem decreto muitas as pessoas que estavam em condições de poder revelar o seu fundamento, que o governo de Vichy optaria pelo aprofundamento da esquadra, de preferência a consentir que ela caísse em poder dos alemães. A politica de colaboração, embora ostensivamente praticada por alguns elementos que dispunham de incontestável influencia no seio desse governo, não era praticada com o mesmo entusiasmo por outros. Além disso, embora anti-ingleses, os sentimentos da oficialidade da marinha de guerra francesa estavam longe de ser pro-alemães.

Havia ainda, finalmente, que considerar a modificação operada na situação pela attitude do almirante Darlan, que entre os seus camaradas continuava a gozar de certo prestígio, o qual aumentara quando éle, durante o tempo em que exercera as funções de chefe do governo, confiara a numerosos elementos da corporação da Armada posições de comando e mesmo de direcção politica, tanto na metrópole como no Norte de África e nas colónias. Era mais do que natural que os chefes da esquadra desconfiassem, na sua maioria, e invocassem para justificar qualquer acto, por mais violento, a fim de evitarem que os alemães se apoderassem dos seus na-

Herriot



As fitas das condecorações do pai, cheias de cores vistosas, foram suficientes para conquistar a criança!



Assim se fez a necessária apresentação: «Bruce apresentou-te o papá!».



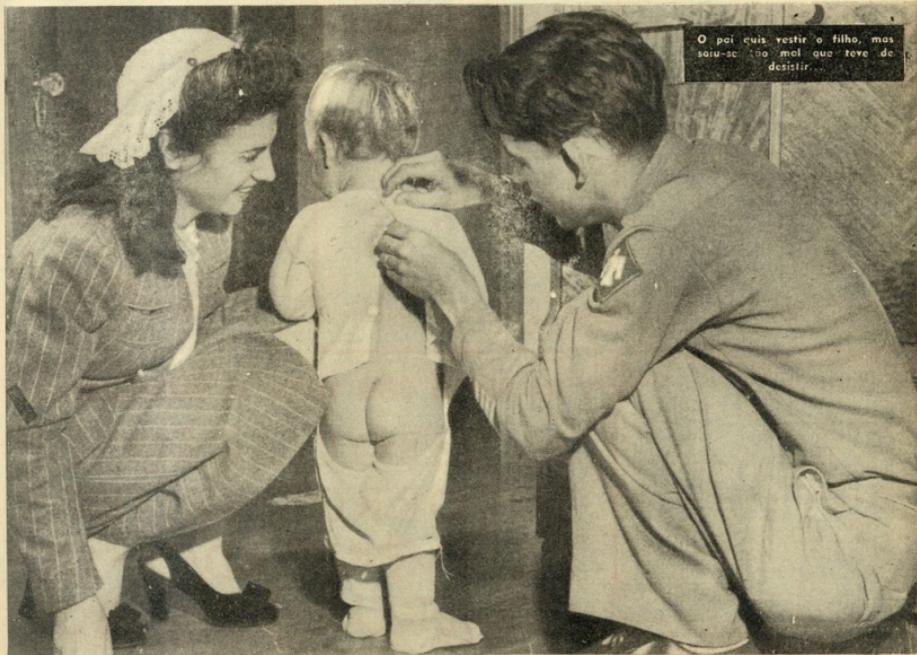
A primeira manifestação de ternura...

HÁ GENTE NOVA E M CASA QUANDO O SOLDADO REGRESSA AO LAR!...

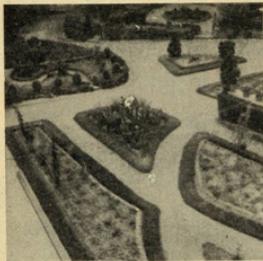
BUNE Petrick chegou da guerra a semana passada. E entrou em casa em bicos de pés, porque sabia que ia encontrar um bebê de 22 meses, nascido quando ele estava na «frente».

A criança não se assustou. Parece que, à força da mãe lhe pôr diante dos olhos o retrato do pai, até o reconheceu e gritou logo: — papá!

O pai é um rapaz saudável e forte, que se bateu bem e teve, no regresso, este prêmio, que, com certeza, preferiu à mais honrosa condecoração: — um filho, nova alegria do-seu lar!



O pai quis vestir o filho, mas soube ao mal que teve de desistir...



Um trecho do lindo jardim da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa



A sala das Assembléias Gerais

TEM hoje um lugar preponderante no Mutualismo português a velha Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa — instalada no Palácio de S. Cristóvão, e com 72 anos de existência, prestigiada por uma actividade notável.

Fundada por uma dissidência entre sócios da «Comércio e Indústria», cedeu logo a popularizar-se. Bastará dizer-se que logo o primeiro Conselho Administrativo, funcionando em casa dum sócio, Liebermeister, reunida à sua volta perto de trezentos sócios. Sempre progredindo, a Associação conseguiu interessar, no seu movimento de solidariedade, muita gente que labuta no comércio da capital.

Todos os dias apareciam novas adesões, e só assim foi possível àquela Associação ter comprado, em 1913, por 40.000\$000, o Palácio de S. Cristóvão, onde tem a sua sede social.

Em 1928, com a montagem do serviço de Policlínica, a cargo de categorizados médicos, o aumento de sócios foi considerável — e houve logo, nesse ano, 23.000 tratamentos e consultas. Um passo decisivo veio, porém, quatro anos depois, com o alargamento das regalías até então só concedidas aos sócios — tornando-as extensivas às famílias. A sua acção de solidariedade e de assistência na doença tornou-se, assim, tão vasta que foi necessário ampliar o velho palácio de S. Cristóvão, que pertenceu à Casa de Vagos. O projecto erguia em 450 contos — e, o Estado, reconhecendo o valimento da colectividade, entendeu dar-lhe uma comparticipação pelo «Fundo do Desemprego» de 124.000\$000.

Já então o estandarte da Associação dos Empregados de Comércio de Lisboa ostentava as Ordens de Cristo e Benemerência, pelos relevantes serviços prestados à causa do Mutualismo português — e uma portaria, posterior, considerava a instituição de utilidade pública.

As novas instalações, inauguradas em 1939, num edificio de dois pisos, construído junto ao anexo do Largo do Chão de Loureiro, apresentava uma sala de cirurgia que é tida como das melhores existentes em Lisboa.

Dois anos depois, vieram os serviços de Maternidade, onde já nasceram, em três anos, 380 crianças.

Em Outubro de 1942, começa-se com o consultório de pediatria, e no internato para sexo feminino inauguram-se mais três amplos quartos.

Basta dizer-se que, nos últimos dez anos, o número de consultas e tratamentos foi de 924.776 e as operações excederam 1.500, tendo os laboratórios observado 26.417 análises!

Mas não é só no campo de assistência médica que a Associação dos Empregados de Comércio de Lisboa marca a sua posição. Assim, outras rubricas estão estatuidas, para benefício dos associados, como: subsídios de inabilidade, doença, desemprego, ares de campo, banhos termas, tendo já despendido, nos últimos dez anos, perto de cinco mil contos.

Falar dos médicos quasi se torna desnecessário. Duma dedicação extrema, eles vigiam continuamente todos os associados que disso necessitam, com uma proficiência que honra uma classe de tão nobres funções sociais.

Para se poder avaliar do vasto campo de acção que aquella prestimosa colectividade movimenta, poderá o leitor fixar alguns números, tão expressivos, e que, por si só, falam.

Sócios existentes (incluindo famílias), 12.906; houve, durante o ano findo, 34.024 consultas de policlínica; fizeram-se 82.442 tratamentos e 85 operações; os laboratórios observaram 4.079 análises, e na maternidade houve 91 nascimentos!

Durante um ano, a Associação pagou subsídios no valor de 361.121\$25 aos associados, que, por meio duma cotização especial, descontam para esse fim.

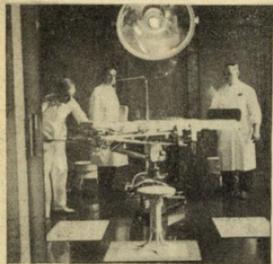
E aqui está, leitor, a história duma Associação que, nascida há 73 anos da vontade de meia dúzia de homens de ânimo e entusiasmo, consegue hoje, no nosso meio, ser uma força viva que se impõe no campo da solidariedade entre os que trabalham e, precedentemente, pensam no futuro.



Este é o gabinete da Direcção



Gabinete do dentista



À sala de operações



Sala de agentes físicos



Um quarto particular do Internato

UMA GRANDE OBRA SOCIAL DE TRABALHADORES!

A ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE EMPREGADOS NO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

UM GRANDE JORNAL

AMERICANO

O "New-York Times" tem 620 redactores em Nova-York!

FUNDADO em 1850, o «New-York Times», grande Jornal americano, tem 3.500 empregados, 65 correspondentes especiais no estrangeiro, além de mais 100 jornalistas distribuídos por todo o Mundo.

Em Nova-York tem 620 redactores que servem os seus serviços permanentes. O jornal dispõe de 100 máquinas de compor e 22 de imprimir, e fecha a última página da primeira edição à meia-noite e meia hora, pondo-a à venda à 1 hora!

Além das suas muitas edições, o «New-York Times» publica uma edição semanal de 12 páginas, que, durante a guerra, seguiu, de avião, para todas as frentes de batalha.

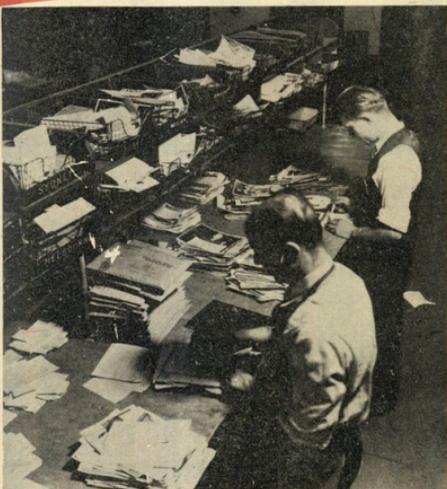
Enquanto durou a Conferência de São Francisco, publicou outra edição especial para Nova-York, que era transmitida por rádio-foto.

A biblioteca do grande jornal tem 20.000 volumes e está situada no centro dos escritórios.

A tiragem é de 500.000 exemplares, e aos domingos 825.000, o que, sendo muito, nos parece pouco para a categoria do «New-York Times».



A saída da máquina... Notícias fresquinhas



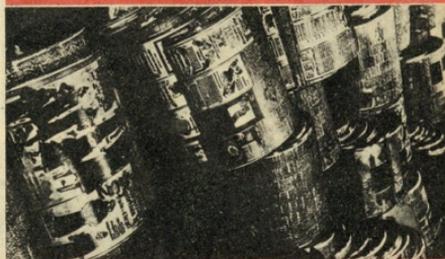
Notícias que chegam das várias fontes e que dão um perfeito serviço de informação



Os jornais, prontos, vão seguir...



O trabalho das «linotypes»



Muitos estereotipos servem as várias máquinas rotativas



E, pronto... Os leitores podem procurar o «New-York Times», em todas as locais de venda!

OS MÚSICOS ALEMÃES TOCAM PARA OS SOLDADOS AMERICANOS...



Os assistentes eram, na sua totalidade, soldados americanos e raparigas dos Serviços Auxiliares



Vai começar o concerto. Alguns dos executantes são raparigas alemãs



As cadeiras não chegaram para todos...

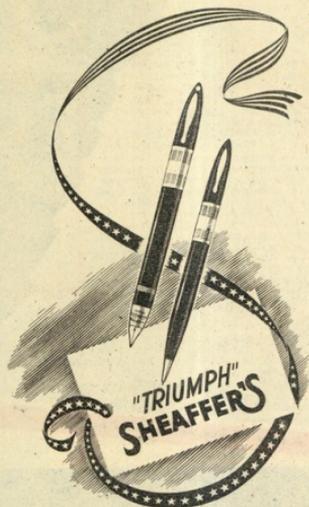


Pelas expressões dos soldados e das raparigas americanos, pode afirmar-se que gostaram do concerto.

Os músicos alemães quiseram homenagear os soldados americanos das forças de ocupação com um notável concerto, realizado no castelo de Heidelberg. Uma comissão de civis alemães foi, especialmente, convidar os soldados dos Estados Unidos e as raparigas dos Serviços Auxiliares, e o convite foi aceite:—cerca de dois mil americanos se deliciaram com o concerto da orquestra dirigida por Fritz Hahn, e, no final de cada trecho, aplaudiram, com entusiasmo.



Aspecto da assistência ao concerto realizado no Castelo de Heidelberg



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & QUARTE, L.^{da}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-78 - LISBOA - TEL. 26297



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármores Sousa Batista, L.^{da}
PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA - TELEFONE 2 7643

PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 58, cd. Bandeira, 108-3 - LISBOA

DAMAS

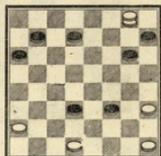
(Secção portuguesa)

JOGO N.º 14

(Disputado na secretaria do Sport Lisboa e Benfica entre Luis António David e Carlos Alberto Pereira Gonçalves)

Branças (David)		Pretas (Gonçalves)
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
9-13	3.º	32-28
11-15	4.º	28-23
13-17	5.º	21-18
6-9	6.º	18-14
6-11	7.º	14-10
11-14	8.º	25-21
7-11	9.º	29-25
2-9	10.º	31-28
6-13	11.º	19-19
4-7	12.º	23-20
11-14	13.º	20-4 (D)
12-15	14.º	14-13
15-19	15.º	22-15
13-29 (D)	16.º	16-11
17-26	17.º	30-21

Posição do jogo ao 17.º lance das brancas.



29-15	18.º	10-6
3-10	19.º	11-7
15-26	20.º	21-17
28-30	21.º	28-23
10-14	22.º	23-19
30-3	23.º	18-10
3-13	24.º	17-10
9-13	25.º

Empatam.

Jogo interessante e com golpes dignos de autênticos campeões.

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS», POR CORRESPONDÊNCIA, DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Resultados da 1.ª Eliminatória (Continuação)

Série H

Vencedor: Francisco Mendes da Silva (Beja).



OS BARBOTOS — Avôzimo, conta-nos entra vez como viste passar um muito tempo um eléctrico vazio A Mãe: — Pôpo-te, papá, que não contes mais mentiras aos pequenos.



NACTIVAGOS

— Eu acabei a noite na esquadra. — Que sorte! Eu acabei-a em casa.



O encantador de serpentes no seu «arraste».



MULHERES...

— É inútil gritar-lhes que se afastem! Só exclamando: «Liquidação de verdades!».

Eliminados: José Baptista Afonso (Caminha), Mário Matos Neves (Ovar) e Luis de Oliveira (Lisboa).

AVISO

Os concorrentes que não remeterem os seus jogos até 30/9/45 ou que até essa data não dêem resposta aos seus adversários, são considerados eliminados do Campeonato.

5) Quando vaguete um negro de Angola chama-se pagabundo, — 2.

Nota — O dicionário adoptado foi o de António Moreno, complementar.

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 6/9/45

1) Fanado-Fado. 2) Maroto-Mato. 3) Esto-lida-Estolida.

XADREZ

PROBLEMA N.º 11

Por Oscar Pires de Carvalho

1945 — Lisboa

Pretas 5.



Branças 7. Mate em dois (2) lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10

1. C—f6...

CHARADAS

Por Nicolau F. Telo de Moraes

(Viseu)

NOVISSIMAS

- 1) Desmobilize a casa e corte na casaca ao senhorio e verá que isso é um absurdo. — 24
- 2) Sugere tudo que for para mim e talvez mude de opinião. — 21.
- 3) Imponha as suas idéias se tem abundância de materiais, se não sujeita-se a uma zombaria. — 21.
- 4) Um diálogo sobre tristeza nunca é notável. — 21.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 36 (Concurso) — Por Nicolau F. Telo de Moraes — (Viseu)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Respeitável. 2 — Oriental; não, Inv.; atilho. 3) Fazia perguntas. 4 — Ataque de paralisia; apelido. 5 — Devaneia, fam.; enfadada; banda, arc. 6 — Animal ovíparo; nota. 7 — Gênero de palmeiras do Brasil (pl.); gato, Inv.; símbolo químico do Iridio. 8 — Gênero de malváceas das regiões quentes; símbolo químico do Lítio. 9 — Tenhas grande importância. 10 — Léria, prov; povoação do distrito de Aveiro; grande árvore rosçada. 11 — Publicara.

VERTICAIS: 1 — Que diz respeito às faces; romano. 2 — Vaele. 3 — Preposição e artigo (pl.); bebida sagrada (pl.). 4 — Joelrar; símbolo químico do Bário. 5 — Sulfureto nativo de chumbo; inicial; Ref. repetida. 6 — Poledgada; pancada na cabeça. 7 — Título de soberano (Inv.); criada. 8 — Nota; leve a rebuque. 9 — Árvore; estila. 10 — Espécie de rubeca mourisca. 11 — Ave pernalta; cascalho.

Nota — O autor dedica este problema ao seu amigo e director desta secção, sr. Augusto Teixeira Marques.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 35 — Por Mário António Pigarra

HORIZONTAIS: 1 — Rasto; hmpa. 2 — Alea; tocam. 3 — Mário, égo. 4 — Aras; odor. 5 — Sua. 6 — Remos. 7 — Res. 8 — Eros; toca. 9 — Raras; arcar. 10 — Arai; lato. 11 — Solas; tosmm.

VERTICAIS: 1 — Ramas; péras. 2 — Serás; corral. 4 — Ser; sar. 5 — Ser. 6 — Fumes. 7 — Aos. 8 — Isto; trio. 9 — Moeda; rocas. 10 — Pago; cata. 11 — Amora; parem.

SOLUCIONISTAS DO ÚLTIMO PROBLEMA

D. Hermínia Folgosa (Lisboa), João Folgosa Ruas (Lisboa), José Luis da Cruz (Lisboa), António Hídio Anís da Veiga (Lisboa), Eurico Machado (Lisboa), Seven (Aveiro), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu) e Tripeiro (Pórtio).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										



* UM CAPRICO FOTOGRÁFICO *

* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2. * LISBOA * TEL. 2 5844 *
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), L. * T. DA CONDESSA DO RIO, 27